

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
BACHARELADO EM LETRAS PORTUGUÊS/LITERATURA**

**FIDAH MOHAMAD HARB**

**UM GESTO ANALÍTICO DO VERBETE “LINGUÍSTICA” EM  
DICIONÁRIOS DE LINGUÍSTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**Santa Maria, RS**

**2018**

**Fidah Mohamad Harb**

**UM GESTO ANALÍTICO DO VERBETE “LINGUÍSTICA” EM  
DICIONÁRIOS DE LINGUÍSTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Bacharelado em Letras – Português/Literaturas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do Grau de **Bacharela em Letras.**

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Verli Fátima Petri da Silveira

Santa Maria, RS  
2018

**Fidah Mohamad Harb**

**UM GESTO ANALÍTICO DO VERBETE “LINGUÍSTICA” EM  
DICIONÁRIOS DE LINGUÍSTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Bacharelado em Letras – Português/Literaturas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Letras.

**Aprovado em 05 de dezembro de 2018:**

---

**Verli Fátima Petri da Silveira, Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. UFSM**  
(Presidente/Orientador)

---

**Tais da Silva Martins, Dr.<sup>a</sup>. UFSM**  
(Avaliador)

Santa Maria, RS  
2018

*“O correr da vida embrulha tudo.*

*A vida é assim:*

*esquenta e esfria,*

*aperta e daí afrouxa,*

*sossega e depois desinquieta.*

*O que ela quer da gente é CORAGEM”*

*Guimarães Rosa*

*Aos meus eternos amores*

*Awad Harb Najjar, Micheline Mohamad,*

*Saddam Mohamad Harb, Lina Mohamad Harb,*

*Dhalala Mohamad Harb, Nidal Awad Najjar e Dunia Awad Najjar*

*Pela linda vida que construimos e compartilhamos juntos.*

*Nós todos somos para sempre!* 

## **A**GRADECIMENTOS

Aos meus amados avós Mohamad Khamis Awad Farah Mohamad, Naima Farah Mohamad (in memorian) e Harb Awad Harb (in memorian) e Meriam Jaber Samara.

Aos meus queridos tios Gihad Mohamad e Andrea Campos Mohamad; e primos Aliah Campos Mohamad e Nasser Campos Mohamad pelos valiosos momentos especiais. Amo vocês!

À minha professora orientadora Doutora Verli Fatima Petri da Silveira pela confiança, respeito e incentivo na realização desse trabalho, pelos aprendizados, pelas oportunidades desde o início do Curso, no PET Letras. Sou muito grata em ter a oportunidade de aprender com você.

Ao Programa de Educação Tutorial – PET Letras UFSM, pelas amizades queridas e pelos momentos especiais e trabalhos em grupo, que com certeza contribuíram em minha formação.

Ao LEO Clube Santa Maria Camobi, meu clube querido, que me mostrou a importância do crescimento pessoal de um “serumaninho”. Cada campanha, evento ou reunião contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa melhor. Obrigada pelas oportunidades, aprendizados e companheirismo.

Ao grupo de estudos PALLIND da professora Verli, pelas importantes leituras e discussões sobre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Nossos encontros foram fundamentais para a continuação e para o progresso de minhas pesquisas, principalmente, esse trabalho.

A empresa Grámmatos Jr., mesmo que por pouco tempo, minhas revisões são mais cuidadosas e muito melhores, depois de minha experiência na empresa. O tempo junto de vocês foi muito importante para o meu crescimento profissional e pessoal.

Aos colegas e amigos da turma e do curso de Letras Bacharelado Alcides Campos Gonçalves, Betina Bernardi, Dário de Almeida, Débora Spanamberg Wink, Esther Costa Faria, Isabel Scremin, Isadora Dotto Brusius, Keisy Moraes, Natasha Bastos de Sousa, Otávio Perufo, Paola

da Silveira Fontana, Raiane Maffini Nicoloso pelo acolhimento, carinho e pelos momentos especiais que compartilhamos juntos ao longo desses quatro anos no Curso de Letras Bacharelado.

Aos meus amigos do Laboratório Corpus – Andressa Brenner Fernandes, Ana Paula Alves Correa, Elivelton Assis Krummel, Francine de Freitas, especialmente, a minha amiga e confidente Thais Costa da Silva, pelos fortes laços de amizade que criamos durante as monitorias no Laboratório.

Aos secretários Augusto Souza e Gustavo Ballin pela convivência agradável e disponibilidade de sempre.

Aos professores do Curso de Letras Bacharelado - UFSM pelos ensinamentos e pelas trocas de aprendizados e experiências.

Às Companheiras de vida. As minhas melhores amigas que sempre acham um tempinho para me visitarem em suas vindas corridas para Santa Maria Tassia Callai e Tarissa Callai.

Em especial, aos presentes da minha vida, meus sobrinhos Munir, Munira e Amir<sup>1</sup>. A tia Fi ama muito vocês.

---

<sup>1</sup> Este TCC, embora tenha sido defendido em 2018, só foi publicado no repositório da UFSM em 2023. Durante esse período, também tive um novo integrante na família. Por isso, tomei a liberdade de atualizar os meus agradecimentos.

## Resumo

Neste trabalho, propomo-nos a realizar uma leitura da apresentação e definição do verbete “linguística” em três dicionários: *Dicionário de Linguística e Gramática*, de Mattoso Câmara Jr. (1978); *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba (1976); e *Dicionário de Linguística*, de Jean Dubois (2014). Considerando as condições de produção desses instrumentos linguísticos, observamos como as definições para os verbetes foram apresentadas, a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos por elas.

**Palavras-chave:** Linguística. Verbetes. Dicionário. Análise de Discurso. História das Ideias Linguísticas.

## **Abstract**

In this work, we propose to conduct a reading of the presentation and definition of the entry "linguistics" in three dictionaries: *Dicionário de Linguística e Gramática* by Mattoso Câmara Jr. (1978), *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* by Francisco da Silva Borba (1976), and *Dicionário de Linguística* by Jean Dubois (2014). Considering the production conditions of these linguistic tools, we observe how the definitions for the entries were presented in order to understand the effects of meaning produced by them.

**Keywords:** Linguistics. Entry. Dictionary. Discourse Analysis. History of Linguistic Ideas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. OS DICIONÁRIOS ANALISADOS .....</b>	<b>15</b>
<i>1.1 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA, DE JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR.....</i>	<i>15</i>
<i>1.2.. PEQUENO VOCABULÁRIO DE LINGUÍSTICA MODERNA, DE FRANCISCO DA SILVA BORBA: .....</i>	<i>15</i>
<i>1.3 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA, DE JEAN DUBOIS .....</i>	<i>16</i>
<b>2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>18</b>
<b>3. GESTO DE ANÁLISE.....</b>	<b>21</b>
<i>3.1 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA .....</i>	<i>21</i>
<i>3.2 PEQUENO VOCABULÁRIO DE LINGUÍSTICA MODERNA.....</i>	<i>23</i>
<i>3.3 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA.....</i>	<i>25</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

Realizar nossa pesquisa com a perspectiva da História das Ideias Linguística nos faz compreender como se deu o desenvolvimento e as reflexões acerca dos estudos sobre a linguagem e as línguas, e, conseqüentemente, a instituição da Ciência Linguística. Isso porque, conforme Aquino (2012), a História das Ideias Linguísticas não é tratado apenas como um nome alternativo para a História da Linguística, mas como uma maneira de pensar a constituição do saber sobre as línguas e a linguagem a partir da instrumentação das línguas através de vocábulos, enciclopédias, dicionários, gramáticas etc.

Os estudos em História das Ideias Linguísticas são produzidos pelo professor Dr. Sylvain Auroux desde a década de 1980, na França. No Brasil, a institucionalização da História das Ideias Linguísticas iniciou com um projeto coletivo “História das Ideias Linguísticas no Brasil: construção de um saber metalinguístico e a construção da língua nacional”, coordenado pela Profa. Dra. Eni P. Orlandi e Prof. Dr. Sylvain Auroux na Universidade de Campinas/SP, na década de 1980. Assim, para compreender a especificidade da História das Ideias Linguísticas, Orlandi nos coloca as seguintes palavras:

Fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definitiva; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem (ORLANDI, 2001, p. 16).

Dessa forma, o estudo através do olhar da História das Ideias Linguísticas nos permite a compreensão do pensamento linguístico no Brasil, antes de a Linguística se tornar Ciência moderna, tendo a língua como seu objeto de estudo. A especificidade desse conhecimento, assumindo uma posição de estudiosos da linguagem, é atribuir a esse estudo um olhar de comprometimento com a linguagem, compreendendo e avaliando as diferentes filiações teóricas e as suas conseqüências para a produção de um conhecimento linguístico – ou seja, os efeitos de sentido que essas definições produzem, considerando as condições de produção dos dicionários consultados. Desse modo, mobilizar esse conhecimento nos dá a possibilidade de compreender o processo de produção do nosso objeto de estudo: o discurso, que apresenta e define o verbete “linguística” nos dicionários de linguística, considerando as suas condições e os efeitos de sentido que lhe é atribuído.

Nesse sentido, em seu livro *O que é Linguística?* (2009), Eni Orlandi nos aponta que os estudos sobre a Linguística ocorreram em períodos tendo dois momentos fundamentais a linguística do século XVII (gramáticas gerais) e a linguística do século XIX (gramáticas comparadas). Mais tarde, em relação ao século XX, Orlandi nos propõe a pensar sobre o funcionamento da linguística, de se pensar a língua e a sua constituição atualmente. Esse estudo nos possibilita uma compreensão sobre como o saber linguístico se desenvolveu ao longo dos tempos. A História das Ideias Linguísticas preocupa-se com a história de um saber (meta)linguístico, tendo uma função social que o torna válido e o legitima pelo reconhecimento da teoria e de sua história, respeitando os limites da interpretação.

Em seu livro *Língua Brasileira e Outras Histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil* (2009), Orlandi nos propõe a pensar o funcionamento da língua, principalmente para gramáticos e estudiosos que se sentem afetados em relação às suas reflexões. Orlandi desenvolve o pensamento sobre a língua: livre de uma norma tradicional, cultural ou étnica, o que ela coloca como “uma relação forçada”. Sendo assim, a língua tendo uma relação forçada com a norma tradicional, cultural e étnica, é necessário pensar mudanças linguísticas em consequência das condições que tais instrumentos linguísticos são produzidos. Nesse sentido, nosso trabalho tem como objeto de estudo o discurso e, assim, pensamos a língua conforme Pêcheux (1997 [1983], p. 56): “além da ordem da sintaxe, mas da ordem do discurso”. Isto é, a “ordem do discurso”, desse modo, compreendendo de que maneira está ocorrendo a relação dos sentidos presentes em cada leitura, em diferentes momentos históricos.

Logo, esses momentos de desenvolvimento de um pensamento metalinguístico demonstram como estudos e reflexões sobre a língua e a linguística foram se modificando e se desenvolvendo no decorrer do tempo. Atualmente, pensamos a linguagem com um funcionamento livre, autônomo de quaisquer normas ou regras, sejam elas culturais, políticas, estatais ou étnicas. Consequentemente a isso, Orlandi (2017, p. 18) apresenta a linguística como uma disciplina independente, que possui seu objeto e objetivos próprios de estudos: a Linguística, que, ao afirmar a ordem própria da língua, nos possibilita pensar a língua e seu funcionamento como relativamente autônomos, nos permitindo trabalhar um sujeito afetado pelo inconsciente e constituído pela ideologia.

Nessa perspectiva, nosso trabalho – como um estudo analítico-discursivo –, busca compreender: (i) como é apresentado e definido o verbete “linguística” em diferentes dicionários de especialidades em língua portuguesa; e (ii) como se realizam diferentes *efeitos de sentidos* sobre eles. Para esse estudo analítico do verbete, selecionamos três dicionários de linguística em língua portuguesa, publicados na década de 1950, 1970 e 1980. São eles:

- *Dicionário de linguística e gramática* (1956)<sup>2</sup>, de Joaquim Mattoso Câmara Jr.;
- *Pequeno vocabulário de linguística moderna* (1969)<sup>3</sup>, de Francisco da Silva Borba;
- *Dicionário de linguística* (1978)<sup>4</sup>, de Jean Dubois e Mathée Giacomo.

Nossa reflexão parte da obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr., linguista brasileiro que lecionou Linguística em meados da década de 50 na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Mattoso, conforme Matos (2004, p. 159), é considerado um caso único na bibliografia da linguística brasileira, pois sua obra recebeu três diferentes títulos. Segundo o autor, isso seria reflexo do desenvolvimento dos estudos da ciência da linguagem entre nós.

Além do dicionário de Mattoso Câmara Jr., buscamos a obra de Francisco da Silva Borba, professor que foi desde muito jovem estudioso da linguagem, além de ter sido o primeiro no ensino da Linguística no Brasil. Sua obra cita o dicionário de Câmara Jr. como uma obra para consulta e referência autorizada, conforme Petri, Biazus, Denardi (2013, p. 144-145):

Sua trajetória nos chama a atenção especial pela preocupação que ele [Borba] demonstra em produzir instrumentos linguísticos que facilitem o ensino e a aprendizagem da Linguística. Ele é o autor de *Introdução aos estudos linguísticos* (com 1ª edição em 1971), que se tornou um dos primeiros instrumentos pensados para estudantes de Linguística, em língua portuguesa.

Se, por um lado, temos Mattoso Câmara Jr., como o primeiro linguista a trabalhar sob a perspectiva da ciência na aquisição da linguagem e no uso da língua, temos, por outro, o trabalho de Borba, sua preocupação com a produção de instrumentos linguísticos que buscassem o ensino e a aprendizagem da ciência Linguística no interior da Universidade, não só para os estudantes de Letras, mas também para os demais. Sua perspectiva de produção o destacou entre os linguistas de sua época.

Além desses instrumentos linguísticos, está o *Dicionário de Linguística* do linguista Francês Jean Dubois, publicado pela primeira vez na França, em 1972 e no Brasil, em 1978. O dicionário foi proposto não apenas como uma obra de consulta, com o intuito de preencher

<sup>2</sup> O primeiro dicionário de Mattoso Câmara Jr. foi publicado na década de 1956, intitulado *Dicionário de Fatos Gramaticais*, o qual foi renomeado mais tarde, na década de 1960, como *Dicionário de Filologia e Gramática*. Mais tarde, na década de 1970, recebeu o título *Dicionário de Linguística e Gramática*. Em nosso trabalho, utilizaremos a 8ª edição da obra de Mattoso Câmara, publicada em 1977.

<sup>3</sup> O *Pequeno Vocabulário*, de Borba, foi publicado pela primeira vez em 1969. Neste trabalho, utilizaremos a edição publicada em 1976.

<sup>4</sup> O Dicionário de Linguística de Dubois foi publicado pela primeira vez em 1978. Em nossa pesquisa, utilizamos a segunda edição do *Dicionário de Linguística* de Dubois, publicado em 2014 pela editora Cutrix.

lacunas específicas, mas também como uma obra de formação linguística, que ajude a constituir um conjunto de enunciados explicativos. Ainda segundo o linguista, o *Dicionário de Linguística* de Dubois, como dicionário científico e técnico se apresentaria como uma espécie de “manual livre”: “manual” porque pode ser reconstituído em um discurso ordenado; e “livre” porque será formado pelo próprio leitor, conforme sua experiência na área e de acordo com o tipo de questões que este se coloca.

Desse modo, nosso trabalho busca analisar e contrastar os modos de apresentação e de definição do verbete “linguística” nesses três Dicionários de Linguística em Língua Portuguesa: o primeiro *Dicionário* de Mattoso Câmara Jr., publicado na década de 1950; o *Pequeno Vocabulário* segundo de Francisco da Silva Borba, publicado no final da década de 1960 e, por último, o *Dicionário* de Jean Dubois publicado pela primeira vez no Brasil, no início da década de 1970. Logo, nosso trabalho foi realizado em quatro movimentos, além do movimento introdutório. O primeiro movimento, apresentamos os dicionários analisados, em que fazemos uma breve descrição desses dicionários e de seus autores, considerando os prefácios dessas obras. O segundo movimento, são algumas considerações teóricas que contribuem na reflexão sobre a linguística e o desenvolvimento dessa ciência da linguagem ao longo do tempo, a partir da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso. O terceiro movimento, apresentamos um gesto analítico, observando os sentidos que se aproximam e se distanciam nesses dicionários, o quarto movimento, apresentamos as considerações finais e as referências, em que colocamos as obras consultadas para o trabalho.

## 1. OS DICIONÁRIOS ANALISADOS

### 1.1 *DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA, DE JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR.*

Mattoso Câmara Jr. foi, conforme Dias (2012), professor de língua portuguesa, pesquisador e linguista brasileiro que possibilitou a consolidação da disciplina Linguística no Brasil, que se deu entre a década de 1940 e 1960. Seu trabalho foi amparado a partir da circulação da produção acadêmica e bibliográfica do linguista, como as obras *História da Linguística* (1975), *Princípio de Linguística Geral: como fundamento para os estudos superiores em Língua Portuguesa* (1941)<sup>5</sup> e *Dicionário de Fatos Gramaticais* (1956). Além desses trabalhos, o linguista escreveu o artigo *Linguística Brasileira* (1975), no qual conta a história da linguística no Brasil, se colocando como parte dessa história, conforme Dias (2012), através de um personagem cujo nome é, também, Mattoso Câmara. Essa identificação pode ser vista como uma tomada de posição desse sujeito, que se vê como contribuinte da consolidação de um conhecimento.

O dicionário mattosiano foi publicado, pela primeira vez, em 1956, pelo centro de pesquisas da Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro, com o título *Dicionário de Fatos Gramaticais* (DFG). Em 1963, o editor J. Ozon publicou a segunda edição com o título *Dicionário de Filologia e Gramática*. Por fim, e postumamente, a editora Vozes (Petrópolis, RJ) publicou a sétima edição, em 1977, com o título atualizado *Dicionário de Linguística e Gramática* (DLG), conforme Francisco Gomes Matos<sup>6</sup>, à qual foi acrescentado um posfácio escrito por Matos e Neotti, os quais também propõem a alteração do título com o intuito de homenagear Mattoso Câmara como “pai da Linguística no Brasil”. No posfácio, além de um capítulo “Explicação preliminar”, foram adicionados 25 verbetes. Esse dicionário está, atualmente, na 25ª edição, publicada em 2004 pela editora Vozes, de Petrópolis - RJ.

### 1.2 *PEQUENO VOCABULÁRIO DE LINGUÍSTICA MODERNA, DE FRANCISCO DA SILVA BORBA:*

---

<sup>5</sup> Este livro foi considerado como um manual de Linguística, recebendo uma segunda edição em 1954 (DIAS, 2009).

<sup>6</sup> Francisco Gomes Matos, aluno e amigo de Mattoso Câmara Jr. na década de 1950, contribuiu para a edição e a organização do Dicionário de Linguística e Gramática ao lado de Clarêncio Neotti (MATOS, 2004, p. 161).

O professor Francisco da Silva Borba foi considerado, desde muito jovem, um estudioso sobre a linguagem, estando entre os pioneiros do ensino da Linguística no Brasil, fato que o destaca entre os linguistas de sua época (PETRI; BIAZUS; DENARDI, 2013). As autoras apontam que sua trajetória chama a atenção, em especial, pela preocupação em produzir instrumentos linguísticos que facilitem o ensino e a aprendizagem da Linguística. Borba é o autor de *Introdução aos estudos linguísticos*, que teve sua primeira edição em 1971 e se tornou um dos primeiros instrumentos para estudantes de linguística. Além disso, destacamos que Borba é um dos professores envolvidos na fundação do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL)<sup>7</sup>, evento que reúne, todos os anos, professores e alunos para tratar de questões sobre a Linguística.

A primeira edição de sua obra *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* foi publicada em 1969. Apresentado como *Pequeno Vocabulário* (BORBA, 1969, p. 18), esse dicionário especial busca facilitar o trabalho de leigos estudantes e de especialistas em compreender os termos da linguística. Conforme o prefácio de 1976, assinado por Isaac Nicolau Salum, a obra se beneficiou do conteúdo e da experiência de obras antecessoras, como o *Dicionário de Filologia e Gramática*, de Câmara Jr., e o *Curso de Linguística Geral* (1916), de Saussure. O *Pequeno Vocabulário* é pensado não como um competidor dos que já existem, mas como um colaborador que os complementa e atualiza.

### 1.3 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA, DE JEAN DUBOIS

Jean Dubois foi linguista francês, gramático e lexicógrafo do século XX. Publicou a primeira edição do *Dictionnaire de Linguistique* em 1972, ao lado do grupo de linguistas das universidades de Paris e de Ruão: Mathée Giacomo, Louis Guespin, Christiane Marcellesi, Jean-Baptiste Marcellesi e Jean-Pierre Mével.

No Brasil, a primeira edição desse dicionário foi publicada em 1978, traduzida por Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, Dr. John Robert Schimitz, Dra. Leonor Scliar Cabral (PUC-SP), Maria Elizabeth Leuba Salum, Valter Khedi (USP), sendo a direção e coordenação geral de tradução organizada pelo professor Dr. Izidoro Blikstein (USP)<sup>8</sup>. Seu título foi traduzido para *Dicionário de Linguística*, sendo que a segunda e última edição, utilizada nessa pesquisa, foi publicada em 2014.

---

<sup>7</sup> O GEL (Grupo de Estudos Linguísticos) acontece em uma cidade de São Paulo, tendo, atualmente, realizado 64 edições do Seminário.

<sup>8</sup> O professor Izidoro Blikstein foi também um dos tradutores do Curso de Linguística Geral, no Brasil.

Sendo assim, antes de entrar no verbete “linguística”, observamos o prefácio dessa obra, escrito pelos autores<sup>9</sup>. Consideramos o prefácio, conforme Petri (2009, p. 330):

Um texto que precede o texto principal, povoado por palavras e por silêncios [...], é um texto com funcionamento muito próprio: ele vem antes, antecede, apresenta e representa a obra que vem na sua sequência. Nele está contido o que pode e o que não pode ser dito, bem como nele se revelam marcas da posição – sujeito que produz a obra como um todo.

Com esse prefácio, portanto, os escritores propõem aos leitores algumas reflexões como, por exemplo: o que seria um dicionário científico técnico? Essa reflexão, aliás, não é proposta pelas obras de Câmara Jr. e de Barbosa, o que insere o dicionário de Dubois em um lugar característico, visto que não foi pensado apenas como obra de consulta, a fim de preencher lacunas pontuais, mas também como uma obra de formação linguística, que ajude a constituir um conjunto de enunciados explicativos (DUBOIS, [1972] 2014, p. 5).

Visto que estamos lidando com uma obra produzida na França e traduzida para o português, a seleção dos verbetes ocorreu com as palavras mais utilizadas no idioma original. O *corpus* desta pesquisa foi completado pelo uso de índices dos principais manuais usados na França, e todo esse material foi comparado com a dos léxicos ou dos dicionários que antecederam o dicionário de Dubois (2014, p. 8).

---

<sup>9</sup> Mathée Giacomo, Louis Guespin, Christiane Marcellesi, Jean-Baptiste Marcellesi e Jean-Pierre Mével, além de Jean Dubois.

## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Sob a perspectiva da Análise de Discurso e das Histórias das Ideias Linguísticas, as palavras que compõem os dicionários são postas como resultados de relações sociais e históricas. Nesse sentido, Orlandi (2017) destaca que, na Análise de Discurso, não trabalhamos com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso que é um objeto sócio-histórico. Do mesmo modo, não trabalhamos com a história e a sociedade como independentes e insignificantes para a formação desses discursos sobre a língua. Assim, conforme Nunes (2010), ler o dicionário é saber que há sentidos que aparecem e se estabilizam, e ao mesmo tempo é saber que esses sentidos estão sujeitos sempre a serem outros, aos equívocos entre as diferentes posições de leitura.

Pensando na interlocução entre as Histórias das Ideias Linguísticas e a Análise do Discurso, Nunes (2007, p. 110) explica que a Análise de Discurso se constitui como um modo de leitura sustentado por um dispositivo teórico e analítico que considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, contribuindo consideravelmente para o estudo da História das Ideias Linguísticas. Assim, tomando as diferentes formas de discurso sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que transmitem nesses discursos as suas condições de produção, considerando-se a materialidade da linguagem na qual esses discursos são produzidos e evitando tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Esses discursos comprovam, de fato, modos específicos da produção do conhecimento em determinadas conjunturas sócio-históricas.

Assim, conforme Aurox (1992), a História das Ideias Linguísticas é contada a partir de três iniciativas: a primeira visa constituir uma base documental para a pesquisa empírica; a segunda está em continuidade com uma prática de conhecimento; e, por fim, a que tem papel fundador, ou seja, a que se volta para o passado com a finalidade de legitimar uma prática científica contemporânea. O autor defende que, na terceira iniciativa, o ato de saber possui uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, como também um horizonte de projeção.

Já Orlandi (2001) determina uma quarta iniciativa para se contar a História das Ideias Linguísticas: tomada pela posição da Análise do Discurso e pensando o conhecimento como um discurso, nos situa no ponto em que o sujeito desse conhecimento pode ser observado no seu horizonte de retrospectão e de projeção (AUROUX, 1992), visando, assim, não à reconstrução de uma história, mas ao processo pelo qual ela se conta.

Dessa forma, seguiremos a proposta de Orlandi, com a ideia de que os sentidos não são exatos, não têm a universalidade abstrata dos sistemas, além de não haver consenso produzido (2018, p. 92). Nessa perspectiva, problematizaremos aquilo que se lê e, portanto, nos comprometeremos com os (diferentes) sentidos produzidos, porque “há a contradição e o equívoco. Há inconsciente e ideologia funcionando” (ORLANDI, 2018, p. 92), além do sujeito, considerado como sujeito discursivo, um sujeito interpelado e constituído pelo momento sócio-histórico em que está inserido.

Sendo assim, consideramos os dicionários como instrumentos linguísticos que são produzidos com o intuito de ser algo que vai além de um material de consulta vocabular. De acordo com José Horta Nunes, esses instrumentos linguísticos, sob a perspectiva da Análise de Discurso, são vistos como objetos discursivos e, desse modo, ele nos propõe um discurso sobre a língua, sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, especificamente para um público-leitor em certas conjunturas sociais:

[...] além de visar ao conhecimento específico de uma ou mais línguas, fazer dicionário serve para entrar em contato com uma sociedade ou uma cultura desconhecida, produzir uma identidade nacional, regional ou de grupo social, conhecer os conceitos utilizados em certas áreas das ciências, dentre muitas outras coisas (NUNES, 2010, p. 7).

Além disso, a leitura desses instrumentos e os sentidos produzidos dependem da história dos sentidos das palavras (o interdiscurso, para nós a presença daquilo que vem antes, tal como é posto em Análise de Discurso) e da história do leitor na sua relação com o texto, dado que, do ponto de vista do discurso, tais relações interpeladas pela ideologia não são neutras (NUNES, 2010; ORLANDI, 2018).

Desse modo, nosso primeiro movimento analítico será um percurso no interior dos instrumentos linguísticos, ou seja, os dicionários consultados. Primeiramente, analisaremos os prefácios e os textos que antecedem o dicionário em si, considerando esses espaços, conforme Petri (2009, p. 300), como lugares do dito e do não dito. Esses textos antecessores apresentam as obras, o autor (dicionarista), os editores e a sua proposta de trabalho:

Um texto que precede o texto principal, povoado por palavras e por silêncios [...] é um texto com funcionamento muito próprio: ele vem antes, antecede, apresenta e representa a obra que vem na sua sequência. Nele está contido o que pode e o que não pode ser dito, bem como nele se revelam marcas da posição sujeito que produz a obra como um todo.

Logo, seguiremos a proposta de filosofia de interpretação, conforme Orlandi (2018, p. 91), nos propõe em seu texto intitulado: *Ética, Ciência, Ideologia e Interpretação*. Essa filosofia

trabalha a partir da desestabilização conceitos e, assim, na ampliação das margens para a interpretação, pois quanto mais silêncio, mais apelamos ao dizer, mais ao significar; a incompletude é falta essencial, irrecorrível. Por isso, na Análise de Discurso construímos nossos dispositivos teóricos e metodológicos ideológicos, que deslocam nosso olhar, nossa escuta (ORLANDI, 2018, p. 100). Acreditamos, a partir desse recorte inicial da leitura dos prefácios, na recuperação das condições de produção dessas obras, mostrando aspectos históricos no discurso do dicionarista e dos editores.

### 3. GESTO DE ANÁLISE

O *Dicionário de Linguística e Gramática*, de Câmara Jr., foi publicado pela primeira vez em 1956 com o título *Dicionário de Fatos Gramaticais*. Cronologicamente, este instrumento, tomado por nós como um instrumento discursivo, conforme Nunes (2010), é o primeiro publicado dentre os dicionários de especialidade que estamos estudando neste trabalho. Isso porque o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba, foi publicado pela primeira vez na década de 1969, e o *Dicionário de Linguística* de Jean Dubois foi publicado pela primeira vez em 1972, na França, e traduzido no Brasil sob coordenação do prof. Dr. Izidoro Blikstein (USP), em 1978. Nosso gesto de análise abrange os três dicionários no que tange ao verbete linguística.

#### 3.1 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA

Conforme o prefácio da obra de Mattoso, o *Dicionário de Linguística e Gramática* obedeceu a um plano próprio e teve um propósito bem determinado: só foram incluídos aqueles verbetes que realmente figuram em português (MATTOSO, 1977 p. 30):

Não se trata, porém, de uma *mise-au*, de qualquer outro empreendimento anterior. Obedeceu-se a um plano próprio, e com um propósito bem determinado: 1) [...] não se procurou fazer um vademecum da ciência da linguagem, ou, em outros termos um *Dicionário de Linguística Geral*. Com isso, uma obra sucinta, como esta ficaria necessariamente fragmentaria [...].

Sendo assim, esse instrumento linguístico teve um plano próprio de produção. Desse modo, o *Dicionário de Linguística e Gramática* pretendeu preencher uma lacuna da nossa bibliográfica filológica, permitindo, a partir de consultas rápidas e diretas, a solução de incertezas e dúvidas que só se conseguiria hoje através de grandes pesquisas Mattoso (1977, p. 33). Além disso, foi produzido para que se acessasse e produzisse conhecimento sobre a estrutura da língua, sobre o seu funcionamento espontâneo e sobre sua história.

Essa escolha o diferencia do *Dicionário de Linguística* de Dubois, por exemplo, em que os autores optam por uma escolha bastante arbitrária, detendo-se num grau de científico e técnico considerado apropriado ao ensino superior, mas aquém da pesquisa especializada. Além disso, a pretensão dos autores franceses foi de fazer uma obra não apenas de consulta, a fim de preencher lacunas pontuais, mas também de formação linguística, que ajude a construir um conjunto de enunciados explicativos (DUBOIS, 2014, p. 6).

Desse modo, tomamos como ponto de partida a definição do verbete “lingüística” no *Dicionário de Lingüística e Gramática*, de Câmara Jr., o qual disponibilizamos na íntegra, conforme a Figura 1:

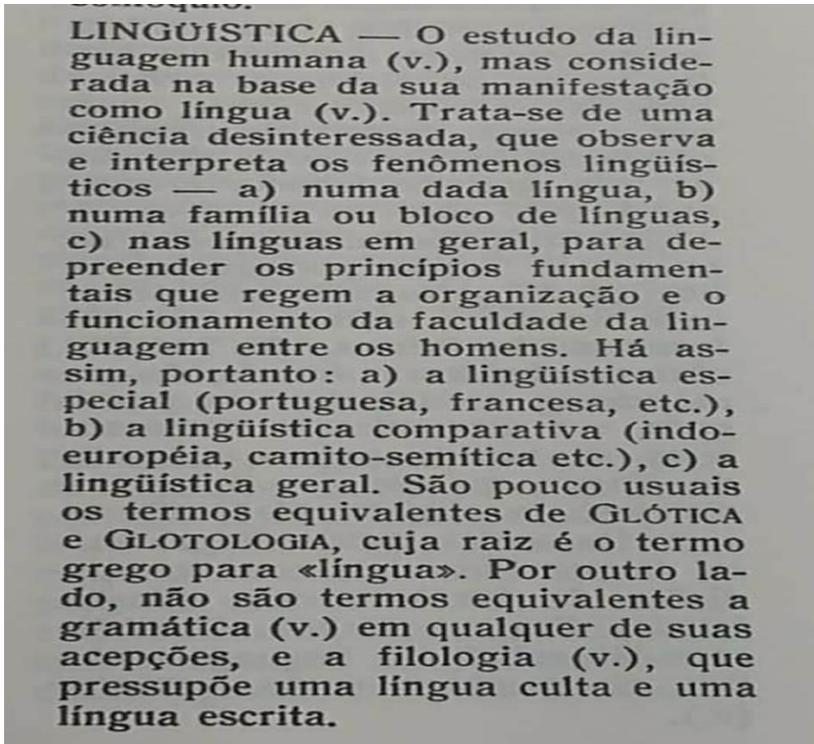


Figura 1 – Verbetes mulher, no *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Elaborado pela autora, 2018.

O dicionário de Mattoso Câmara Jr. teve como propósito a apresentação de pontos de vista diversos, visto que o linguista brasileiro tomou o dicionário como um instrumento lingüístico que é, antes de tudo, uma obra de informação, e não uma tomada de posição doutrinária, adotando esses mesmos critérios para termos técnicos ([1956], 1977, p. 31). Câmara Jr. apresenta no verbete os pontos de vista mais diversos, como “estudo da linguagem humana” e “considerada na base da sua manifestação como língua”, sem atribuir noções subjetivas aos fatos. Desse modo, fizemos um recorte do verbete, logo abaixo, sobre o qual faremos um gesto analítico:

**R** - O estudo da linguagem humana (v.), mas considerada na base da sua manifestação como língua (v.). Trata-se de uma ciência desinteressada, que observa e interpreta os fenômenos lingüísticos: a) numa dada língua, b) numa família ou bloco de línguas, c) nas línguas em geral, para depreender os princípios fundamentais que regem a organização e o funcionamento da faculdade da linguagem entre os homens. (MATTOSO CÂMARA JR., 1977 p. 159).

Inicialmente, identificamos a relação da posição sujeito de dicionarista tomada pelo autor, como aquele que atribui ao verbete a informação principal de que é o objeto de estudo –

a manifestação da linguagem. Mattoso Câmara Jr. destaca que a linguagem é, antes de tudo, o estudo da linguagem humana.

Além disso, a obra mattosiana teve um plano próprio e um propósito bem determinado (MATTOSO, 1977 p. 34), pois só foram incluídos os verbetes que realmente figuram em português. Nesse sentido, percebemos a importância da linguística na década de 1950, quando o dicionário foi publicado pela primeira vez e já trazia a definição de linguística, mesmo antes de esta ser considerada uma disciplina nos cursos de Letras. Assim, no segundo recorte, Mattoso trata a linguística como ciência, porém “desinteressada”.

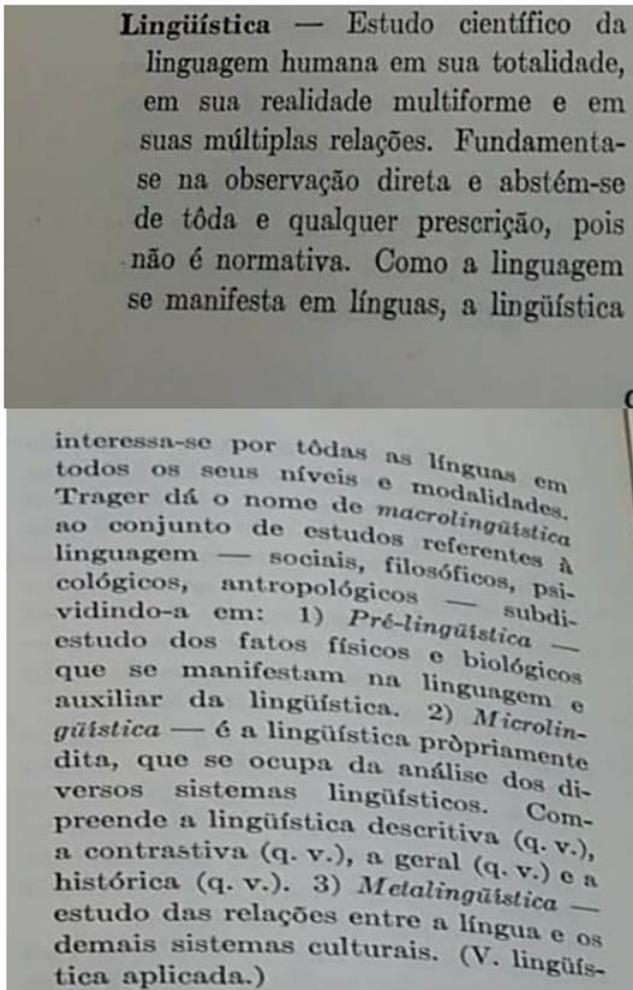
Entretanto, seria possível Mattoso Câmara Jr., como um estudioso e professor da língua, considerar a linguística como uma ciência desinteressada? Identificamos que, mesmo que o linguista não tenha o propósito de assumir uma posição – tanto como linguista, como professor ou como dicionarista – mas apenas dar a sua contribuição para as pesquisas e facilitar o trabalho de estudiosos pesquisadores, existe uma posição de sujeito tomada, a qual reflete no principal objetivo da obra, que é obedecer a um plano próprio e ter um propósito bem determinado: só incluir aqueles verbetes que realmente figuram em português.

### **3.2 PEQUENO VOCABULÁRIO DE LINGUÍSTICA MODERNA**

O *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* (1969) surgiu a partir da necessidade que o professor e linguista sentiu de abranger, em um pequeno volume, um nível aprofundado de um conhecimento específico (a Linguística) e a divulgação científica desse ramo do saber, deixando para o leitor o direito de fazer pelo assunto a seleção pessoal (BORBA, 1976 p. 14). Assim, o *Pequeno Vocabulário* foi amparado por um *corpus* teórico bem delimitado, começando pelo *Curso de Linguística Geral* (1916). Ademais, a obra de Francisco da Silva Borba cita Câmara Jr. frequentemente, desde o prefácio e até mesmo em alguns verbetes, o que pode ser observado na Figura 2.

Além disso, essas duas obras foram produzidas com o propósito de serem obras de especialidades, de consultas específicas de termos técnicos, contando com um público bastante limitado: “o grande número de estudantes dos cursos de letras das faculdades ou institutos de Letras, os das demais ciências humanas ou de outras as quais a Linguística interessa de perto, os professores e estudiosos de Linguísticas e de Língua em geral” (BORBA, 1976 p. 18). Assim, podemos dizer que existe uma relação bastante próxima entre o *Dicionário de Linguística e Gramática*, de Mattoso Câmara Jr., e o *Pequeno Vocabulário*, de Francisco da Silva Borba.

O *Pequeno Vocabulário* foi publicado sob condições de produção diferentes da do dicionário de Mattoso. Desde 1962, o ensino da Linguística já era obrigatório nos cursos de Letras, e muitas obras, como a de Mattoso, já circulavam no meio acadêmico nacional e internacional (PETRI; BIAZUS; DENARDI; 2013, p. 151). A seguir, disponibilizamos o verbete “linguística” da obra de Borba:



**Figura 2** – *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba. Elaborado pela autora, 2018.

Dessa forma, selecionamos o seguinte recorte:

**R - Estudo científico da linguagem** humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e em suas múltiplas relações. Fundamenta-se na **observação direta e abstém-se de toda e qualquer prescrição**, pois não é normativa. Como a linguagem se manifesta em línguas, a linguística interessa-se por todas as línguas em todos os seus níveis e modalidades. (...) Trager dá nome de *macrolinguística* no conjunto de estudos referentes a linguagem – sociais, filosóficos, psicológicos, antropológicos – subdividindo-a em: 1) *Pré-linguística* – estudo dos fatos físicos e biológicos que se manifestam na linguagem e auxiliar da linguística. 2) *Micro-linguística* – é a linguística propriamente dita, que se ocupa da análise dos diversos sistemas linguísticos.

Compreende a linguística descritiva (q.v.), a contrastiva (q.v.), a geral (q.v.) e a histórica (q.v.). 3) *Metalinguística* – estudo das relações entre a língua e os demais sistemas culturais. (V. linguística aplicada.). (BORBA, 1976 p. 95 [grifos nossos]).

O *Pequeno Vocabulário* destaca, no início desse fragmento, a definição dada ao verbete “linguística” como o “estudo científico da linguagem humana”. Observamos que Borba trata a linguística de uma forma bastante específica: “estudo científico da linguagem humana”. Assim como Mattoso, que a trata de forma ampla, em consequência das condições de produção, mas ainda assim como: “o estudo da linguagem humana”, mas que em Dubois já tem um deslocamento diferente, sendo a linguística dada como: “estudo científico da linguagem”, ou seja, qualquer manifestação da língua.

Nosso segundo gesto analítico recorta o modo como tomamos esse estudo da linguagem humana, ou seja, em sua totalidade, observando a linguagem na realidade em que se apresenta, desconsiderando qualquer regra normativa de organização da língua. Está presente, ainda nesse recorte, o foco de estudo da linguística, que é “por todas as línguas em todos os níveis e modalidades”. Sendo assim, podemos considerar qualquer manifestação linguística, dada através do modo falado ou do modo escrito.

Além disso, nesse segundo gesto, o verbete dá ênfase para a história da linguística, destacando o conjunto de estudos referentes à linguagem: os estudos sociais, filosóficos, psicológicos, antropológicos. Conforme Borba, esse conjunto se subdividiu em três grupos:

- *Pré-linguísticos*: ocupa-se do estudo dos fatos físicos e biológicos;
- *Micro-linguísticos*: ocupa-se da análise dos diversos sistemas linguísticos;
- *Metalinguísticos*: ocupa-se do estudo das relações entre a língua e os demais sistemas culturais.

### **3.3 DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA**

O verbete “linguística”, no *Dicionário de Linguística* (2014) de Dubois, é um dos considerados como longos, conforme consta no prefácio da obra, ao lado dos verbetes: *signo*, *gramática gerativa*, *sintagmas* etc. (DUBOIS, 2014, p. 6). De certo modo, esses verbetes formam as noções de base dos conceitos-chave, que permitem o acesso aos termos mais específicos (DUBOIS, 2014, p. 6). Assim, consideramos “linguística” como um desses “verbetes longos”, pois foi sua definição foi desenvolvida em sete pontos diferentes, configurando cerca de quatro páginas, no total. Selecionamos, em alguns desses movimentos,

recortes das partes que trataram de certa forma, ou especificamente, sobre a definição do verbete “linguística”. Eis, abaixo, nosso primeiro recorte:

**R – 1) Concorda-se geralmente em reconhecer que o estatuto da linguística como estudo científico da linguagem é assegurado pela publicação em 1916 do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. A partir dessa data, todo estudo linguístico será definido como surgido “antes” ou “depois” de Saussure . 2) [...] Se se propõe, diante dessas pesquisas, a primeira definição de linguística como estudo científico da linguagem, encontram-se de fato muito poucos que visem a esse objetivo. A preocupação maior nunca parece ser a da linguagem; mesmo do século XIX, tão rico em estudos gramaticais, é a história das línguas e as relações que elas mantem que são visadas, não a língua em si mesma (DUBOIS, 2014, p. 362-363, [grifos nossos]).**

No recorte desse movimento, o dicionarista assegura o estatuto científico da Linguística a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916. Lembramos que a obra de Saussure foi uma obra publicada por seus alunos após sua morte, tendo um lugar bastante importante na história da Linguística por propor à linguística um objeto de estudo – a língua. Assim, Dubois reconhece que a Linguística é tida como ciência a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, já que foi Saussure quem propôs para a Linguística seu objeto de estudo. Desse modo, após a publicação, todo estudo linguístico foi definido como surgido “antes” ou “depois” de Saussure (DUBOIS, 2014, p. 362).

Assim, determinada como a quarta iniciativa para se contar História das Ideias Linguísticas, está presente nesse recorte a questão do horizonte de projeção e de retrospectiva Orlandi (2001). Essa iniciativa Pensando o conhecimento como um discurso, Dubois nos situa o acontecimento que reconheceu a linguística como estudo científico da linguagem, a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, de Ferdinand de Saussure. A publicação desta obra situa os estudos referentes à linguagem como anteriores ao *Curso* ou posteriores a ele.

No segundo movimento, Dubois propõe uma definição para o verbete “linguística” “como estudo científico da linguagem”. Essa ideia partiu de um estudo mais profundo, desde a Antiguidade, conforme está presente na definição do verbete<sup>10</sup>, quando houve a preocupação de uma correta interpretação dos textos antigos, sagrados ou não. Essa preocupação colocou em evidência a evolução da língua, a partir da qual a discussão passou a ser a história das línguas e suas relações, dando origem à filologia (DUBOIS, 2014, p. 363).

---

<sup>10</sup> Para melhor compreensão, disponibilizamos o verbete “linguística”, do *Dicionário de Linguística* de Dubois, na seção Anexos deste trabalho, visto que ele tem cerca de quatro páginas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Dicionário de Linguística e Gramática*, de Mattoso Câmara, publicado pela primeira vez em 1956 seguiu um plano de produção: preencher uma lacuna da nossa bibliográfica filológica e permitir, a partir de consultas rápidas e diretas, a solução de incertezas e dúvidas que só se conseguiria hoje através de grandes pesquisas Mattoso (1977, p. 33). Por outro lado temos o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, de Francisco da Silva Borba, publicado pela primeira vez em 1969. Esse *Pequeno Vocabulário* surgiu a partir da necessidade que o professor Borba sentia de abranger, em um pequeno volume, um nível aprofundado de um conhecimento específico (a Linguística) e a divulgação científica desse ramo do saber, deixando para o leitor o direito de fazer pelo assunto a seleção pessoal (BORBA, 1976 p. 14).

Desse modo, esses dois *Dicionários* foram amparados por um corpus teórico bem delimitado, começando pelo Curso de Linguística Geral, publicado em 1916, por Ferdinand de Saussure. Os dois instrumentos linguísticos - de Mattoso Câmara e de Borba - apresentam e definem o verbete “linguística” como: “estudo (científico)<sup>11</sup> da linguagem humana (v.), mas considerada na base da sua manifestação como língua (v.)”. Logo, podemos dizer que existe uma relação de sentido bastante próxima entre o *Dicionário de Linguística e Gramática*, de Mattoso Câmara Jr., e o *Pequeno Vocabulário*, de Francisco da Silva Borba. Uma vez que, esses instrumentos propõe a linguística a ciência que estuda a linguagem humana.

Por outro lado, nosso trabalho contou também com o dicionário de Jean Dubois e de linguistas franceses, que auxiliaram na produção desse dicionário. O *Dicionário de Linguística*, publicado em edição brasileira pela primeira vez, em 1978. Dubois considerou o verbete “linguística” como um verbete longo. Ou seja, ao lado de verbetes como signo, por exemplo, esses verbetes-longos formam noções que, segundo os autores, são base para conceitos-chave, dados principalmente na linguística e que permitem o acesso a conceitos mais específicos. O verbete “linguística” foi apresentado e definido no dicionário de Dubois em sete movimentos, o que resultou em cerca de cinco páginas<sup>12</sup>. Seu trabalho foi amparado teoricamente pelo *Curso de Linguística Geral*, de Saussure (1916). Jean Dubois explica que para os linguistas a preocupação maior está em entender a história das línguas e as suas relações.

Desse modo, concluímos que no *Dicionário* de Dubois, existe uma perspectiva de sentido que se distancia do sentido abordado por Mattoso Câmara e por Francisco da Silva

<sup>11</sup> O Dicionário de Mattoso não define a “linguística” como ciência, pois a sua publicação se deu na década de 1956. Nesse momento a linguística não tinha sido reconhecida como ciência.

<sup>12</sup> Disponibilizamos, na íntegra, a definição do verbete “linguística” na parte: anexos, deste trabalho.

Borba. Enquanto, os linguistas brasileiros definiam e apresentavam o verbete “linguística” como: “o estudo (científico) da linguagem humana”. O linguista francês, Jean Dubois, reconhece que essa concepção do verbete está assegurada a partir da publicação do *Curso*, no início do século XX. Dubois afirma que preocupação maior na definição de linguística está em compreender a história das línguas e as relações que elas mantem, não a língua em si mesma.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, José Edicarlo de. **O que há de materno na língua?** Considerações sobre os sentidos de língua materna no processo de gramatização brasileira nos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Linguística)–UNICAMP. Campinas, SP, 2012.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

MATOS, Francisco Gomes de. O dicionário de linguística e gramática: nota de um leitor-posfaciador. **D.E.L.T.A.**, 2004, p. 159-164. n. 20, Edição especial.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras** (Taguatinga), v. 3. Brasília, UCB, 2010. Acesso em: 24 de outubro de 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/1981>.

\_\_\_\_\_. Uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso. In: **Revista Letras**. Amanda Eloina Scherer e Verli Petri (orgs.). n. 37, jul./dez. 2007, p. 107-124.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um Espaço de Produção Linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, P. Eni (Org.). **História das Ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional.** Mato Grosso: Pontes, 2001. p. 21-38.

\_\_\_\_\_. **Língua Brasileira e Outras Histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil.** Campinas: Editora RG, 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é linguística?** 2. Ed. São Paulo. Brasiliense, 2009.

\_\_\_\_\_. Ideologia e Inconsciente. In: ORLANDI, Eni P. Eni Puccinelli (org). **Eu, tu, Ele – Discurso e Real da História.** Campinas, São Paulo, 2017, p. 13 -25.

\_\_\_\_\_. Ética, Ciência, Ideologia e Interpretação. In: BARONAS, Roberto Leiser et al (org.). **As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis:** reflexão e práxis. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, v. 1, p. 89-101.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Eni Orlandi (trad.), Campinas: Pontes, 1997. Edição original: 1983.

PETRI, Verli. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (org.). **O discurso na contemporaneidade: materiais e fronteiras**. São Carlos/SP: Claraluz, 2009, v. 1, p. 329-336.

PETRI, Verli; BIAZUS, Camilla; DENARDI, Graciele. Dois instrumentos linguísticos no período de institucionalização da linguística no Brasil: diferentes funcionamentos. **Revista Letras**. v.8, n.10, p. 144-155, 2013. Acesso em: 31 de julho de 2018. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55186/33565>.

### **Dicionários consultados**

BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 7<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2014.